

OS IMIGRANTES ANTILHANOS DE PORTO VELHO¹

Cledenice Blackman²

Quantos migraram?

No final do século XIX e início do século XX³ encontramos registros sobre a presença de antilhanos⁴ na região Amazônica, mais especificamente, nas cidades de Belém, Manaus e atual estado do Acre.

[...] nos fins do século XIX e começo do século seguinte, houve, porém um interessante movimento migratório: negros barbadianos, isto é, originários da colônia inglesa de Barbados, no Caribe, migraram, sobretudo para Belém, onde ainda há numerosos remanescentes. Esses negros, ostentando nomes anglo-saxônicos e falando o idioma inglês, chegaram em condições bastante favoráveis e galgaram posição social em diferentes setores: arte, magistério, economia etc. São geralmente industriais. Não foram estudados devidamente (SALLES, 1971, p. 59).

A imigração de antilhanos para Amazônia iniciou-se de forma bastante significativa no final do século XIX. Todavia foi no século seguinte o período em os negros das Antilhas chegaram a Porto Velho incentivados pelos serviços na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (1907-1912).

Essa construção ferroviária foi sediada em território pertencente ao Amazonas à qual possibilitou o surgimento do povoado de Porto Velho. Mas foi necessária a importação dos *Negros das Antilhas Britânicas* para o desenvolvimento desse empreendimento ferroviário.

¹ Este artigo surgiu em consequência da pesquisa iniciada no ano de 2005 na graduação em História à qual possibilitou a construção do texto monográfico *Os Barbadianos* e as Contradições da Historiografia Regional monografia defendida em 27 de Março de 2007 pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Sendo ampliada a pesquisa a partir do ano de 2009, através do ingresso ao Programa de Pós-Graduação em História a nível de Mestrado pela Universidade Pablo de Olavide (Sevilla/Espanha) parceira com Universidade de Múrcia (Espanha) e a Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E sob a orientação do Prof. Dr. Juan Marchena Fernández produzimos a dissertação intitulada: *Negros Antilhanos em Porto Velho* defendida em 09 de Setembro de 2010 na capital do município de Porto Velho/Rondônia/Brasil [Grifo Nosso].

² Mestre em História pela Universidade Pablo de Olavide (Sevilla/Espanha) pesquisadora sobre o processo migratório dos Negros Antilhanos para Porto Velho. Imigrante de fala inglesa, nomeado e conhecido no texto histórico sobre a História de Rondônia como sendo os *Barbadianos* [Grifo Nosso]. Pós-Graduada em Orientação, Supervisão e Gestão Escolar pela Faculdade de Ciências Administrativa e de Tecnologia - Fatec/RO (2008). Bacharel e Licenciada em História pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – Unir (2007) e atualmente acadêmica do 5º período no Curso de Biblioteconomia na Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Email: cleideblackman@hotmail.com

³ Ver: COSTA, Francisco de Assis. *O Grande Capital e Agricultura na Amazônia: a experiência Ford no Tapajós*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1993; GAULD, Charles A. Farquhar *O Último Titã*; Tradução Eliana Nogueira do Vale. São Paulo: Editora Cultura, 2006; POUCO se sabe da presença negra no Acre. Base de Dados. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/pagina20/20112004/p022112004.htm>. Acesso em 27 de Nov. de 2006.

⁴ Este termo utilizado neste artigo está vinculado ao sentido genérico atribuído a todas as nacionalidades que fazem parte da região das Antilhas, conhecida como Caribe, e que foi colonizada pela Inglaterra, incluindo não apenas, a ilha de Barbados. Mas as demais ilhas caribenhas de colonização inglesa, assim como, relacionada à imigração caribenha de mulheres, homens e crianças sem distinção.

Salientamos a relevância do fenômeno da importação⁵ direta das Antilhas Britânicas que desencadeou a presença de inúmeros negros antilhanos em Porto Velho. A Estrada de Ferro Madeira Mamoré disputava mão-de-obra no Canal de Panamá, no Porto de Belém e várias localidades do Brasil. Principalmente no exterior sendo que em alguns países existiam até mesmo agenciadores contratados por Farquhar que servia de apoio ao processo de imigração de operários para trabalhar na construção Ferrovia Madeira Mamoré (FONSECA; TEIXEIRA, 2001, p.139).

Mas enfatizamos que no início século XX os países europeus e os Estados Unidos da América estavam em processo de construção de pontos de ligações de saída e entrada de mercadorias para atender a produção no Mercado Europeu e Norte Americano. Dessa forma, as matérias-primas que se destacavam como sendo as principais eram: a borracha e o açúcar que necessitavam de fácil acesso as várias rotas de saída de mercadorias, tanto partindo do Brasil, como das Antilhas Espanholas ou Britânicas. Desse modo, os antilhanos chamados também de Barbadianos (COUTO, 2006, p. 80) tornaram-se o maior grupo de imigrantes nos trabalhos de engenharia e construção da Estrada de Ferro em Cuba, do Canal do Panamá e da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Respectivas obras foram construídas em Cuba, no Panamá e no Brasil (COUTO, 2006, p. 25).

Observamos que durante o primeiro ano da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré a imigração de trabalhadores foi bem reduzida, isso se considerarmos os anos subsequentes, sendo o ano de 1910, o período de maior imigração de operários estrangeiros, tendo uma queda no número de importação de trabalhadores nos anos posteriores. Registrando um total de 6.090 trabalhadores contratados pela companhia Madeira Mamoré Railway Company em 1910.

Desse total de trabalhadores que chegaram a Porto Velho no ano de 1910 “494 eram constituídos de engenheiros, maquinistas, mecânicos e outras categorias [...] de diversas nacionalidades” (FERREIRA R, 2005, p. 212).

O excedente, ou seja, os 5.596 trabalhadores restantes eram considerados operários e selecionados “por nacionalidades: brasileiros e portugueses, 1.636; *Antilhas e Barbados*, 2.211; espanhóis, 1.450; procedência desconhecida, 299” (FERREIRA R, 2005, p. 212) [Grifo Nosso].

Vejam os abaixo uma estatística (FERREIRA R, 2005, p 212) que retrata a média de imigrantes de diversas nacionalidades que vieram para trabalhar nos serviços da construção da

⁵ Era assim chamado o processo de captação de mão-de-obra.

Estrada de Ferro Madeira Mamoré durante os anos de 1907-1912 em Porto Velho e ao longo da linha férrea.

1907 446 homens
1908 2.450 homens
1909 4.500 homens
1910 6.090 homens
1911 5.664 homens
1912 2.833 homens
Total 21.783 homens ⁶

Tabela 1: Elaborada por BLACKMAN, C. Negros Antilhanos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado em História, 2010, p. 42 [Grifo Nosso].

Nos serviços da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré durante o ano de 1908 “foram importados pela empresa construtora 2.450 homens” (FERREIRA R, 1995, p. 209). Entre estes muitos antilhanos britânicos foram importados, “trazidos tanto de diversas partes do Brasil, como América Central e outras partes do mundo” (FERREIRA, R, 1995, p. 209). “Sobretudo em Barbados, Trinidad, Jamaica [...]” (CRUZ, 1910, p. 32).

Abaixo verificamos o percentual de imigrantes trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira Mamoré em porcentagem por região ou nacionalidade durante o ano de 1910 em Porto Velho.

<i>Tabela de Imigrantes importados para os serviços da Madeira Mamoré - 1910</i>			
Brasileiros/Portugueses	<i>Antilhas/Barbados</i>	Espanhóis	Procedência Desconhecida
29,23%	39,51%	25,91%	5,34%

Tabela 2: Elaborada por BLACKMAN, C. Negros Antilhanos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado em História, 2010, p. 43[Grifo Nosso].

Analisando a tabela acima comprovamos a presença de imigrantes antilhanos na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, porém não temos como identificar a

⁶ Nesse número estão computados os que chegaram a Porto Velho por conta própria, e trabalharam ou não na construção.

procedência e nem o nome dos imigrantes dos Antilhas, pois os dados são gerais considerando a região das Antilhas e de Barbados.

H. M. Tomlinsson⁷ viajante e escritor inglês que esteve na região da Madeira Mamoré durante a construção e deixou suas impressões sobre a massa populacional de Porto Velho no ano de 1910. Destacamos que o referido escritor fez referência sobre a diversidade de negros em Porto Velho. Entretanto, o autor não esclarece em seu livro a procedência desta população confirmando que essa multidão de “[...] negros e negras eram provenientes das Antilhas, particularmente da ilha de Barbados, chamados de *barbadianos*” (FERREIRA R, 2005, p. 261) [Grifo do Autor]. Contudo, o autor faz referência de que se tratava de imigrantes procedentes das Antilhas e Barbados que foram contratados pela Madeira Mamoré.

Vejamos a seguir os vestígios sobre o povoado heterogêneo em Porto Velho durante o ano de 1910, elaborado pelo inglês H. M. Tomlinsson (1912, p. 163):

[...] to Porto Velho from the interior, brought by the returning pioneers. Porto Velho had a population of about three hundred. There were Americans, Germans, English, Brazilians, a few Frenchmen, Portuguese, some Spaniards, and a crowd of negroes and negresses⁸.

Contudo, apesar disso não temos como ter a precisão de quantos antilhanos britânicos migraram para a localidade de Porto Velho durante período da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré nos anos de 1907-1912. Entretanto, destacamos que em 1910 chegaram a Porto Velho centenas de negros provenientes das Antilhas e Barbados, ou seja, um total de 2.211 imigrantes do Caribe inglês (FERREIRA R, 2005, p 212).

Salientamos, que em virtude da construção da Ferrovia Madeira Mamoré em Porto Velho. A imigração e a participação dos negros antilhanos foram decisivas para a efetivação desse empreendimento, tendo em vista, que a presença desse grupo foi tão marcante que chegaram a fundar um bairro denominado Barbadian Town⁹ onde evidentemente morava a maioria dessa multidão de negros e de negras à qual se referiu H. M. Tomlinsson no livro intitulado: *The Sea and Jungle*.

O que faziam? Em que trabalhavam?

Os antilhanos britânicos partiram da região do Caribe, em busca de melhores condições de vida, tendo em vista, que nesta localidade configuravam-se momentos cíclicos

⁷ Escritor inglês que deixou o porto da Swansea, na Inglaterra, com objetivo de fazer uma viagem ao Amazonas e América Central. Em 1910 [...] visitou a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. E [...] escreveu o livro “*The Sea and Jungle*” [Grifo Nosso].

⁸ Porto Velho tinha uma população de cerca de trezentos. Havia americanos, alemães, inglês, brasileiros, alguns franceses, portugueses, alguns espanhóis, e uma *multidão* de negros e negras [Grifo Nosso].

⁹ Bairro dos Barbadianos. Ver: CANTANHEDE, Antônio. *Achegas para História de Porto Velho*.

de crises sócio-econômicas durante meados do século XIX e XX. E com isso, a imigração para vários países vizinhos tornou-se uma alternativa de melhoria social, vejamos a seguir:

Com uma densidade demográfica com cerca de 700 pessoas por Km², no período da emancipação dos escravos e um aumento da população desde então, Barbados não tem estado preparado para produzir oportunidades de emprego, em conseqüência, ocorreram muitas ondas de imigração. Em tempos diferentes, imigrantes tinham ido para Trinidad, Guiana, Suriname, América Central, zona do Canal do Panamá, EUA e Reino Unido (MARCPHERSON, 1963, p. 73).

A construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré - EFMM tornou-se um marco histórico para o surgimento da cidade de Porto Velho, conseqüentemente, a importação de mão-de-obra de diversos países figurou-se como sendo necessário. Entretanto, destacou-se “um contingente maior procedente das Antilhas e Barbados, onde os salários e serviços oferecidos [...] constituíam grande vantagem [...]” (FERREIRA, 2005, p. 211).



Existiu uma diversidade de ocupações profissionais que foram executadas pelos antilhanos na região de Porto Velho. Apesar dos antilhanos ficarem conhecidos no imaginário popular portovelhense como os *Barbadianos*: Trabalhadores Negros Caribenhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré¹⁰.

Na fotografia¹¹ ao lado (temos o exterior da lavanderia a vapor instalada em Porto Velho por volta de 1910, pertencente à Madeira Mamoré Railway

Company. No geral, as mulheres negras e antilhanas era maioria neste tipo de serviço, como confirmamos acima. Sendo oito mulheres e três do sexo masculino. Verificamos ao centro a presença possivelmente do diretor da lavanderia, provavelmente de cidadania inglesa ou norte americano. Já os dois negros antilhanos exerciam alguma atividade na lavanderia.

A direita uma imagem¹² do aspecto interno da lavanderia a vapor. Percebemos a presença feminina



¹⁰ Título de artigo publicado na internet (FONSECA; TEIXEIRA, 1999). Base de Dados Disponível em: <http://pakaas.net/estr1.htm>. Acesso em: 18 de abr. de 2010.

¹¹ Ver: Base Dados. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/efmm/DanaMpUSPpg7n136.htm>. Acesso em 06 de mai. de 2010.

¹² Ver: Base Dados. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=416718>. Acesso em 13 de abr. de 2010.

negra de maneira majoritária na lavanderia a vapor da Estrada de Ferro Madeira Mamoré que era “provida de todas as máquinas e aparelhos necessários a esse trabalho” (NOGUEIRA, 1913, p.21). Conseguimos identificar apenas um homem executando atividades, juntamente, com as mulheres “[...] negras de Barbados - oficialmente contratadas *apenas* como lavadeiras” (GAULD, 2006, p. 191) [Grifo Nosso].

No âmbito da construção e efetivação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré os antilhanos britânicos desenvolveram diversas atividades¹³ como: cassaco¹⁴ (SANTILLI, 1988, p. 89), chefe de telefonia, bombeiro hidráulico, guarda fio, lenhador, carpinteiros, marceneiros, chefe de veículos, chefe de cozinha, comandante de navio, lavadeiras, mecânico ajustador, maquinistas e telefonista (BLACKMAN, 2010, p. 46).

Entretanto, fora do espaço ferroviário da Madeira Mamoré os antilhanos ingleses desenvolveram e desempenharam outras funções¹⁵ como: agricultor, cozinheiras, doceiras, lavadeiras, professores de inglês, datilografia, músicos, engenheiros (FERREIRA, H, 1969, p. 46) seringueiros e serralheiro. Alguns antilhanos tornaram-se administradores de pequenos empreendimentos como: oficina, alfaiataria e hotel.

As atividades desvinculadas da Madeira Mamoré eram praticadas geralmente pelas mulheres antilhanas casadas com antilhanos ferroviários ou por negros antilhanos que começaram a praticar atividades extras, após a aposentadoria dos serviços vinculados a Ferrovia Madeira Mamoré ou depois que ficaram desempregados dos serviços da Estrada de Ferro Madeira Mamoré¹⁶. Como exemplo o caso do Mister Norman Percival Davy que foi telefonista pela Estrada de Ferro Madeira Mamoré e “também aposentado da Madeira Mamoré. E dono do Hotel Davy [...] leciona língua e literatura inglesa [...]” (FERREIRA, R, 1969, p. 156).

Verificamos então que essas atividades comerciais extras, ou seja, desligada dos trabalhos da Madeira Mamoré era ocasionada por alguns motivos como: 1) alguns antilhanos

¹³ Fonte: Anexo A; B organizado por BLACKMAN, Cledenice. Negros Antilhanos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado em História, 2010; GAULD, Charles A. Farquhar O Último Titã, 2006; MENEZES, Nilza. Chá das Cinco na Floresta, 1998; PROJETO Memórias e Imagens de Porto Velho/Organização Odete Alice Marão. Volume 1 e 2. Porto Velho: Faculdades São Lucas, 2002; SANTILLI, Marcos. Madeira-Mamoré. Imagem e Memória, 1988.

¹⁴ É quem trabalha na linha, faz a linha, socando dormente, pegando sol quente todinho [...].

¹⁵ Fonte: Anexos A1; A3; Anexo D1 organizado por BLACKMAN, C. Negros Antilhanos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado em História, 2010; FERREIRA, R; Nas Selvas Amazônicas, 1961; MENEZES. Chá das Cinco na Floresta, 1998; NOGUEIRA, Julio. Estrada de Ferro Madeira Mamoré, 1913; SOUZA, 1994, p. 141; SANTILLI, Marcos. Madeira-Mamoré. Imagem e Memória, 1988; PROJETO, Memórias e Imagens de Porto Velho, 2002.

¹⁶ Fonte: Anexo A2 organizado por BLACKMAN, C. Negros Antilhanos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado em História, 2010.

pediram dispensa para administração da Ferrovia Madeira Mamoré, 2) houve casos de antilhanos serem dispensados pela administração da Ferrovia Madeira Mamoré, 3) após aposentaria pela administração da ferrovia praticavam outras atividades comerciais, 4) para complementar o orçamento familiar (BLACKMAN, 2010, p. 46-47).

As mulheres antilhanas que eram casadas com funcionários da ferrovia geralmente eram vendedoras de doces, bolos, salgados ou lavadeiras para ajudar no complemento salarial da família. A partir desse indício percebemos que o salário não representava tanto benefício como nos confirmou Ferreira R (1995, p. 211) em a Ferrovia do Diabo “os salários e serviços oferecidos deveriam, com toda certeza, constituir grande vantagem”.

O certo era que quando os antilhanos britânicos chegavam à região de Porto Velho a realidade era outra, totalmente diferente das interpretações feitas pelos agentes contratados pela Ferrovia Madeira Mamoré para convencer e importar os trabalhadores das Antilhas para a construção da referida Ferrovia.

Com isso, observamos nas duas tabelas abaixo uma diversidade de atividades profissionais que os antilhanos ingleses desempenharam na Ferrovia Madeira Mamoré e fora do âmbito desta ferrovia:

<i>ATIVIDADES PROFISSIONAIS DOS ANTILHANOS</i> ¹⁷		
	<i>Nome</i>	<i>Função</i>
01	Arnald Rodelf Rhodius	Não Há Registro
02	Alexandre Carol Von Oton Denny	Telefonista
03	Charles Nathaniel Shockness	Chefe de concessionador de veículos, carpinteiro e marceneiro.
04	Cleveland Davis	Não Há Registro
05	Fred Banfield	Carpinteiro
06	Raymond Winter	Serralheiro
07	Janet Alleyne Eduardo	Doméstica
08	Julio Julien	Não Há Registro
09	Norman Johnson	Cassaco, Lenhador, Guarda Fio e

¹⁷ Elaborado a partir do confronto de dados, informações bibliográficas, documentais e orais que encontramos em livros, artigos, documentos pessoais, processos judiciais e entrevista. Fonte: Organizado por BLACKMAN, C. Negros Antilhanos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado em História, 2010; FERREIRA, Manuel Rodrigues. A Ferrovia do Diabo. São Paulo. Melhoramentos. 2005; FERREIRA, Manuel Rodrigues. Nas Selvas Amazônicas. São Paulo. Gráfica: Biblos LTDA.1961; FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. História Regional (Rondônia). 4ª Ed. Porto Velho. Rondoniana, 2001; LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém, Séculos XX e XXI). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. 2006; MENEZES, Esron Penha de. Retalhos para a História de Rondônia. Rondoforms. Indústria Gráfica Ltda. Porto Velho/RO 2001; MENEZES, Nilza. Chá das Cinco na Floresta. Pesquisa Acadêmica. Campinas. Editora: Komedi. 1998; PROJETO Memórias e Imagens de Porto Velho/Organização Odete Alice Marão. Volume 1 e 2. Porto Velho: Faculdades São Lucas, 2002; SANTILLI, Marcos. Madeira-Mamoré. Imagem e Memória, 1988.

		Chefe de Telefonia,
10	Norman Percival Davy	Telefonista
11	Oscar Depeiza Maloney	Bombeiro Hidráulico
12	Percy Holder	Não Há Registro
13	Preston Blackman	Mecânico e Bombeiro Hidráulico
14	Kenneth Alleyne	Não Há Registro
15	Athelston Saint Clair Grant	Chefe de cozinha, comandante de navio.

Tabela 3: Elaborada por BLACKMAN, C. Negros Antilhanos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado em História, 2010, p. 47-48 [Grifo Nosso].

Na tabela acima comprovamos uma média de *quinze negros* oriundos das Antilhas Inglesas que imigraram para região de Porto Velho incentivados para trabalhar na Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Contudo, diante dessa diversidade de atividades exercidas pelos antilhanos ingleses nos trabalhos da construção da Ferrovia Madeira Mamoré, evidenciamos que “distribuíam em diferentes classes, do trabalhador braçal ao operário especializado” (MENEZES N, 1998, p. 23).

<i>ANTILHANOS NÃO EFETIVADOS NA FERROVIA MADEIRA MAMORÉ¹⁸</i>		
01	Calton Shockness	Ex-ferroviário e Dono de Oficina
02	Catarine Shockness	Doceira
03	Clarence Box	Não Há Registro
04	Constança Groodrich	Doceira
05	Joseph Mings	Não Há Registro
06	Ducan Bourne	Não Há Registro
07	Lucas Du Bissete	Ex-Ferroviário e Alfaiate
08	Luiza Layne	Lavadeira e Cozinheira
09	Louise Banfield	Dona de Casa
10	Raul Louis Dubois	Não Há Registro
11	Violeta Jones	Não Há Registro

Tabela 4: Elaborada por BLACKMAN, C. Negros Antilhanos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado em História, 2010, p. 48 [Grifo Nosso].

Dessa forma confirmamos a participação dos imigrantes antilhanos ingleses em Porto Velho no início do século XX motivados ou não pelos serviços na construção da Estrada de

¹⁸ Elaborado a partir do confronto de dados, informações bibliográficas, documentais e orais que encontramos em livros, artigos, documentos pessoais, processos judiciais e entrevistas que constam em anexos na dissertação Negros Antilhanos em Porto Velho produzida pela autora do artigo.

Ferro Madeira Mamoré. “É interessante que muitos vinham trabalhar na Estrada pensando em explorar a borracha posteriormente” (MARTINS M, 1972, p. 42). Dessa maneira, os antilhanos praticaram as mais diferenciadas atividades profissionais, inseridos ou não nas atividades vinculadas a Ferrovia. Sendo que confirmamos a participação de onze antilhanos que trabalharam fora do âmbito ferroviário. Com isso, conseguimos identificar uma média de *vinete seis antilhanos* que imigraram das várias ilhas das Antilhas Inglesas para a localidade de Porto Velho.

Considerações finais

Este artigo teve como temática principal *Os Imigrantes Antilhanos de Porto Velho* foi fundamentado através da utilização de fontes bibliográficas, documentais e iconográficas. Sendo que constatamos que dos imigrantes negros antilhanos que vieram para Porto Velho houve um índice geral quantitativo de procedentes das “*Antilhas e Barbados, 2.211[...]*” (FERREIRA R, 2005, p. 212) [Grifo Nosso]. Este ciclo migratório das Antilhas foi influenciado pela busca de melhorias sociais e econômicas através do empreendimento da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e até fora do âmbito ferroviário.

Contudo, enfatizamos que identificamos uma média de *vinete seis negros* das Antilhas de colonização inglesa que imigraram para Porto Velho no início do século XX. Conseguimos identificar as atividades profissionais, ou seja, reconhecemos em que trabalharam alguns negros das Antilhas Inglesas. Sendo que destacamos algumas atividades como: telefonista, mecânico, dono de oficina, bombeiro hidráulico, doceiras, cozinheiras, lavadeiras [...] (BLACKMAN, 2010, p. 46). Sobretudo, destacamos que a imigração dos antilhanos ingleses foi decisiva para a constituição e criação da cidade de Porto Velho em consequência da institucionalização do Barbadian Town. Salientamos que invés de *barbadianos* esse grupo ético deveria ser mencionado e estudado na História de Rondônia como sendo os *antilhanos* ingleses por se tratar de imigrantes das diversas ilhas antilhanas de colonização inglesa [Grifo Nosso].

Por tudo isso, confirmamos a participação e a importância histórica dos imigrantes antilhanos ingleses para criação da cidade de Porto Velho no início do século XX motivados ou não pelos serviços na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Pois, “[...] interessante que muitos vinham trabalhar na Estrada pensando em explorar a borracha posteriormente (MARTINS M, 1972, p. 42) praticando as mais diferenciadas atividades profissionais, inseridos ou não nas atividades vinculadas a Ferrovia.

REFERÊNCIAS

1. OBRA COMPLETA

BLACKMAN, Cledenice. Os *Barbadianos* e as Contradições da Historiografia Regional. Porto Velho: RO, 2007. Monografia (Bacharelado em História). Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2007.

CANTANHEDE, Antônio. Achegas para História de Porto Velho. Manaus. 1930.

COSTA, Francisco de Assis. O Grande Capital e Agricultura na Amazônia: a experiência Ford no Tapajós. Belém, Universidade Federal do Pará, 1993.

CRAIG, Neville B. Estrada de Ferro Madeira Mamoré. História Trágica de Uma Expedição. Tradução: Moacir N. Vasconcelos. Editora: Brasileira. Série 5ª. Campanha Editora Nacional, 1947.

CRUZ, Osvaldo. Relatório sobre Considerações Gerais das Condições Sanitárias do Rio Madeira – 1910. Centro de Documentação do Estado de Rondônia.

FERREIRA, Hugo. Reminiscências da Madmarmrly e outras mais. Porto Velho, s/ ed., 1969.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. A Ferrovia do Diabo. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

_____. Nas Selvas Amazônicas. São Paulo. Gráfica Biblos LTDA. 1961.

FONSECA, Dante Ribeiro; *TEIXEIRA*, Marco Antônio Domingues. História Regional (Rondônia). 4ª Ed. Porto Velho. Rondoniana, 2001.

FONSECA, Dante Ribeiro. Barbadianos: Os Trabalhadores Negros Caribenhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. *Base de Dados*. Disponível em: <http://www.pakaas.net/estr1.htm>. Acesso em 18 de abr. de 2010.

GAULD, Charles A. Farquhar, Último Titã. Tradução Eliana Nogueira do Vale. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. O Trem Fantasma: A Modernidade na Selva. São Paulo: Companhia de Letras, 1988.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. *Inglese Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias* (Belém, Séculos XX e XXI). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. 2006.

LIVROS, Atas que constam quase cinco mil nomes de trabalhadores efetivados, aposentados, pensionistas da Extinta Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Localizado no arquivo do 5º Batalhão de Engenharia e Construção - BEC em Porto Velho.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira A Degradação do Outro nos Confins do Humano*. São Paulo: Editora Hucitel LTDA, 1997.

MENEZES, Esron Penha de. *Retalhos para a História de Rondônia*. Rondoforms. Indústria Gráfica Ltda. Porto Velho/RO 2001.

MENEZES, Nilza. *Chá das Cinco na Floresta*. Pesquisa Acadêmica. Campinas. Editora: Komedi. 1998.

MERRIL, Danna. Porto Velho e EFMM, final do Séc. XIX/início do XX – Por: Danna Merrill. *Base de Dados*. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=416718>. Acesso em 13 de abr. de 2010.

NEGRAS, Barbadianas. *Base de Dados*. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/efmm/DanaMpUSPpg7n136.htm>. Acesso em 06 de mai. de 2010.

NOGUEIRA, Júlio. *A Madeira – Mamoré*. Rio de Janeiro. Typographia do Jornal do Comércio, 1913.

PROJETO, Memórias e Imagens de Porto Velho/Organização Odete Alice Marão. Volume 1 e 2. Porto Velho: Faculdades São Lucas, 2002.

SALLES, Vicente. *O Negro no Pará, sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serviços de Publicações [e] Universidade Federal do Pará, 1971. Edição realizada em convênio firmado entre FGV E Universidade Federal do Pará (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo)

SANTILLI, Marcos. Madeira-Mamoré. Imagem e Memória, São Paulo: Empresa Vilares, 1987.

SOUZA, Márcio. Breve História da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994.

TOMLINSON, H. M. The Sea and Jungle. 1912. Base de Dados. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/eldritch/hmt/hmt.htm>. Acesso em 04 de abr. de 2010.

1. CAPÍTULO DE OBRA

BLACKMAN, Cledenice. Negros Antilhanos em Porto Velho. Dissertação de Mestrado em História. Área de Concentração: História, Cultura e Imaginário. Universidade Pablo de Olavide (Espanha). Em parceria com a Universidade de Múrcia (Espanha) e a Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR (Brasil). 2010, p. 41-49.

1. ARTIGOS

MARTINS, Marseno Alvim. A Amazônia e Nós. Rio de Janeiro – GB – 1972, p. 42.

MATIAS, Francisco. Mãe Filó, As Mãos da História. *Base de Dados*. Disponível em: <http://ro.noticianahora.com.br/colunistas/mathias/ver.php?perfil=158>. Acesso em: Fev. 02 de 2007, p. 1.

MACPHERSON, John. Caribbean Lands – A geography of West Indies. Longmans, Green And CO LTD. Tradução: Risonaldo Soares Nunes. 1963, p. 73

POUCO, se sabe da presença negra no Acre. *Base de Dados*. Disponível em: http://www2.uol.com.br/pagina20/20112004/p_0220112004.htm. Acesso em 27 de nov. de 2006, p. 1.